

## A MULHER E O DESPORTO EM PORTUGAL NA DÉCADA DE 1930

*Helena Isabel de Oliveira Marques e Maria da Natividade Mendes Couto Pereira*

**Resumo** O presente trabalho tem como objectivo contribuir para a compreensão da verdadeira dimensão da presença feminina no desporto em Portugal, num momento em que a ditadura do Estado Novo dava os primeiros passos. Os documentos analisados provêm sobretudo da revista *Stadium*, e permitiram-nos caracterizar de forma geral a participação das mulheres no desporto, numa altura em que se esboçavam as primeiras competições organizadas e começavam a ocorrer, com relativa frequência, outros tipos de eventos desportivos para senhoras. Apesar de todas as dificuldades relacionadas com as concepções culturais e políticas do Estado Novo, as mulheres começaram a lutar pelo direito à prática desportiva, constituindo colectividades preocupadas com o desenvolvimento integral da mulher ou inserindo-se em algumas que estavam dispostas a considerar como relevante a participação da mulher no desporto.

**Palavras-chave** Desporto feminino; Estado Novo; colectividades desportivas.

### Introdução

Longo e penoso tem sido o caminho percorrido pelas mulheres para alcançar no desporto o lugar que por direito lhes pertence. Subalternizada por um modo de organização social que lhe conferia um papel de segundo plano, a mulher tem lutado pela afirmação permanente dos seus direitos. Hoje encontramos-nos longe dos tempos em que existiam desportos diferentes para homens e mulheres. Sem negar o direito à diferença, a luta pela igualdade no plano social e cívico é no fundo o verdadeiro desafio que se nos coloca a todos os níveis, incluindo o desporto.

A presença da mulher no mundo do desporto moderno é, aos olhos de alguns, um pouco despropositada e talvez inconveniente. Mas as mulheres cedo manifestaram interesse pelo desporto, o que nos parece não só compreensível como inevitável, porque também elas são vítimas da atracção que “o universo da força, da segurança, do perfeito domínio de si próprio e também da competência” (Hasse, 1992) exerce sobre o ser humano. Apesar de tudo isto parecer tremendamente claro e natural, nem sempre foi fácil, como é hoje, as mulheres assumirem papéis activos no desporto.

A década de 1930 mereceu o nosso interesse pelo facto de anteceder a criação do Instituto Nacional de Educação Física e do Estádio Nacional (1940). As iniciativas do Novo Regime, para o bem ou para o mal, constituíram os primeiros passos

do ensino efectivo e sistemático da Educação Física no nosso país. Do ponto de vista do “desporto feminino”, na década de 1930 esboçaram-se em Portugal as primeiras competições organizadas e começaram a ocorrer com relativa frequência outros tipos de eventos desportivos para senhoras, tais como saraus gímnicos, festivais de natação e sessões de demonstração de outras modalidades que algumas mulheres se aventuravam a praticar.

Os dados apresentados dizem respeito ao período compreendido entre 1932 e 1939 e são provenientes de uma publicação periódica da época, a *Stadium — revista portuguesa de todos os sports*. A escolha justifica-se pela quantidade e qualidade de referências sobre a participação da mulher no desporto. Quase todos os números da revista continham um espaço dedicado à prática desportiva feminina. Esta temática merecia da *Stadium* uma atenção e cuidado difíceis de encontrar noutras publicações da década de 1930.

### O papel do desporto na vida das mulheres

As limitações colocadas à participação da mulher no desporto são fruto de um domínio fundamentalmente patriarcal, em que o homem assumiu funções de liderança nas diferentes esferas da sociedade, não permitindo à mulher possibilidades de se afirmar através do seu contributo. Assim, no contexto social português, “Após o período de escolaridade, dois caminhos surgem fundamentalmente na vida da mulher — o mundo do trabalho e o casamento. Ao abrigo do estatuto de mãe — dona de casa — a mulher depara-se com enormes responsabilidades e tarefas; por outro lado, e frequentemente em simultâneo, o trabalho de casa exige-lhe demasiado esforço.” (Simões, Viegas e Elias, 1980). Efectivamente, este *status quo* tirava à mulher a possibilidade de usufruir de tempos livres, afastando-a consequentemente das actividades de lazer e de outras que pudessem contribuir para a sua realização pessoal. Por outro lado, não é de estranhar que no campo da prática desportiva se sentissem os efeitos produzidos por todas estas circunstâncias, que certamente influenciaram a posição da mulher portuguesa como praticante, técnica e dirigente desportiva.

No entanto, esta situação foi sendo alterada através do reconhecimento científico dos benefícios do desporto para uma vida saudável, tornando os médicos os principais agentes da introdução das mulheres no mundo das práticas desportivas. Estes recomendavam “a actividade, o ar livre, o exercício físico e os desportos como instrumentos favoráveis à aquisição da saúde e de uma perfeita higiene” (Hasse, 1992). Assim, a mulher começa a libertar-se de tabus e preconceitos e ingressa no mundo do desporto “sob o lema da vitalidade e do revigoramento físico, aspectos fundamentais na maternidade e no parto bem sucedido” (Hasse, 1992). Para além de o exercício físico facultar aos portugueses esposas e mães saudáveis, também beneficiava o orçamento doméstico, na medida em que havia redução nas despesas de farmácia. Por outro lado, o desporto ao longo dos anos 30 era visto como

modelador inigualável da beleza e perfeição dos corpos, tendo como objectivo proporcionar o equilíbrio moral, intelectual e físico.

### A mulher e o desporto na *Stadium*

A *Stadium* centrava a sua atenção sobre os diferentes ramos do desporto e tinha como principal objectivo divulgar as actividades desportivas realizadas quer no país quer a nível internacional, mas também pretendia sensibilizar os leitores para a importância da prática desportiva no desenvolvimento físico e moral do indivíduo. Era uma revista que, embora editada em Lisboa desde 1932, tinha um alcance nacional, sendo exclusivamente dedicada ao desporto. Utilizou frequentemente fotografias de atletas nacionais e estrangeiros de ambos os sexos, e revelava uma preocupação estética não muito comum na imprensa escrita da época, o que, por si só, já é um sinal de modernidade.

A *Stadium* foi uma revista muito completa, dada a grande diversidade de artigos subordinados ao tema “A mulher e o desporto”, artigos esses cujos conteúdos foram devidamente aprofundados, como se constatou na pesquisa efectuada. Pode dizer-se que a *Stadium* transpirava modernidade, sobretudo pelo modo como se referia às atletas femininas, como fazia referência a eventos desportivos para senhoras e como rasgava elogios às atletas que se iam destacando pela sua participação nas provas. Não temos dúvidas em afirmar que esta publicação contribuiu para sensibilizar e informar os seus leitores sobre a importância do desporto feminino, que começava a despontar tanto nas suas vertentes de lazer como de competição.

### Referências às modalidades desportivas

Como podemos observar no quadro 1, verificamos que na *Stadium* foram mencionadas 21 modalidades desportivas. Destas, salienta-se em primeiro lugar a natação. Este facto deve-se certamente à realização de campeonatos nacionais e regionais femininos, bem como à frequente organização de festivais inter-sócios de clubes, onde participavam homens e mulheres. Na nossa opinião, a natação possuía já um nível de organização mais desenvolvido que as restantes modalidades, daí que as mulheres tivessem rapidamente conquistado o seu espaço próprio.

Em segundo lugar surge a ginástica, fortemente influenciada pelo método de Ling. O elevado número de referências obtidas justifica-se pelo facto de a ginástica ser considerada uma modalidade adequada à mulher, visto que proporcionava a valorização da estética feminina e podia ser praticada desde as mais novas às mais velhas. Outra razão prende-se com o facto de esta modalidade ser considerada a

**Quadro 1** Freqüência das referências a cada modalidade no período compreendido entre 1932 e 1939

Modalidades	N	%
Natação	191	29,20
Ginástica	78	11,93
Atletismo	77	11,77
Basquetebol	60	9,17
Ténis	48	7,34
Hóquei em campo	44	6,73
Remo	29	4,43
Patinagem	26	3,98
Ciclismo	20	3,06
Automobilismo	19	2,91
Ping-pong	12	1,83
Hipismo	11	1,68
Tiro	8	1,22
Vela	7	1,07
Motociclismo	6	0,92
Golf	6	0,92
Ski	4	0,61
Futebol	3	0,46
Esgrima	2	0,31
Jogo do pau	2	0,31
Voleibol	1	0,15
Total	654	100,00

base de todo e qualquer desporto, uma vez que as atletas praticavam ginástica antes de enveredarem por outras modalidades.

No rol das modalidades mais praticadas, surge em terceiro lugar o atletismo, cujas referências estão na sua maioria relacionadas com a realização dos campeonatos regionais e nacionais, os quais tiveram início oficialmente em 1937. A prática do atletismo, por parte das raparigas, era socialmente aceite e até apoiada pela classe médica com influências higienistas. Dado tratar-se de uma modalidade individual caracterizada pela ausência de contacto físico, a popularidade do atletismo junto das mulheres estava relacionada com o facto de não sujeitar as suas praticantes a movimentos agressivos e violentos, que, segundo as condutas da época, eram considerados menos próprios para senhoras.

O ténis era uma modalidade do agrado das raparigas provenientes de classes sociais elevadas e obteve grande destaque conforme documentos da época. No entanto, o facto de Angélica Plantier, figura eminente da sociedade, se ter consagrado campeã nacional durante vinte épocas consecutivas, revela que o nível competitivo nas provas de singulares femininos não correspondia ao relevo dado pela revista à modalidade.

O basquetebol e o hóquei em campo foram as modalidades colectivas que mereceram maior destaque por parte da *Stadium*. Pensamos que este considerável número de referências se justifica pelo aumento do interesse da mulher portuguesa em praticar duas das modalidades de equipa mais em voga no país.

Apesar de as competições masculinas de remo gozarem de grande popularidade em Portugal na primeira metade do nosso século, os documentos

encontrados sobre tripulações femininas reportam-se apenas a regatas escolares de raparigas em embarcações de quatro remos.

Em relação à patinagem e ao ciclismo, deparámo-nos apenas com referências a demonstrações de habilidades durante os intervalos das competições masculinas de hóquei em patins e de ciclismo, respectivamente. Assim, constatámos que estas modalidades praticadas por mulheres ocupavam um lugar secundário em relação às praticadas pelos homens.

As modalidades menos referenciadas são o automobilismo, o ping-pong e o hipismo, seguidas do tiro, vela, motociclismo, golfe, ski, futebol, esgrima, jogo do pau e voleibol. Parece-nos que as poucas alusões a estas modalidades se devem à pouca receptividade destes desportos no nosso país, como modalidades praticadas por mulheres. Por outro lado, outra causa provável dos poucos registos relacionados com o voleibol e o futebol deve-se ao facto de serem modalidades que ainda se encontravam numa fase embrionária. Em relação ao jogo do pau, o número escasso de referências encontradas talvez se justifique por se tratar de um jogo praticado preferencialmente pelas classes populares, sobretudo nos meios rurais onde o acesso das mulheres à prática desportiva era ainda mais difícil. Mas a principal razão parece ser o facto de se tratar de uma modalidade de combate, cuja prática não era aconselhada às mulheres por ser demasiado perigosa. A esgrima, ping-pong, hipismo, tiro, vela, motociclismo, golfe e ski representavam desportos adequados à demonstração de elegância, distinção e poder económico. No período em estudo, estes desportos parecem ter sido praticados sobretudo por mulheres pertencentes a classes sociais de nível elevado.

Embora a revista fosse maioritariamente constituída por artigos dedicados a atletas masculinos, encontramos também um número considerável de referências a atletas femininas que tiveram acesso a diversas modalidades. Verificamos, porém, que as referências ao desporto praticado por mulheres são uma pequena parte do total das informações apresentadas na *Stadium*. Ao longo da década em estudo, o interesse da mulher pelo desporto foi aumentando, assim como o seu grau de exigência. Toda esta evolução que se foi verificando, ainda que lentamente, está relacionada com a evolução social e cultural da sociedade portuguesa.

### Os clubes e agremiações

A fonte principal do nosso estudo indica-nos a existência em Portugal de colectividades e agremiações desportivas femininas que, durante a década de 1930, pugnavam pela implantação efectiva da prática desportiva junto das mulheres. A maioria das agremiações estava sedeadas em Lisboa e no Porto, facto que sugere uma situação de desequilíbrio no desenvolvimento desportivo do país. Pensamos que a divulgação dos eventos desportivos nestas agremiações se deve à facilidade de deslocação dos jornalistas a estes locais. Outra das razões possíveis prende-se com a ausência de infra-estruturas desportivas na província. Para além disso, sabendo

que no meio rural a sociedade é tradicionalmente mais retrógrada e que prevalecem os velhos costumes e preconceitos, compreende-se que se verificasse um maior atraso na participação das mulheres no desporto. No entanto, para o fim da década, verifica-se uma tendência para a descentralização, tornando-se mais frequentes as notícias sobre eventos desportivos para mulheres em cidades como Oliveira de Azeméis, Leiria, Torres Vedras, Santarém, Faro e Olhão.

No decorrer da pesquisa, encontrámos clubes que se destacaram, desde logo, pela introdução de equipas femininas nas suas diversas secções e pelas suas participações bem sucedidas em competições desportivas, como é o caso do *Lisboa Ginásio Club*, *Gimnásio Club Português* e o *Maria Pia Sport Club*, que desempenharam um papel fundamental na promoção da ginástica. Do mesmo modo, os clubes *Sport Algés e Dafundo*, *Club Nacional de Natação*, *Sport Lisboa e Benfica*, *Club Naval de Lisboa* e *Sport Club do Pôrto* também contribuíram para a expansão da prática desportiva feminina, embora estes estivessem mais vocacionados para a natação.

Contudo, será importante referir que na época já existiam colectividades desportivas exclusivamente vocacionadas para praticantes do sexo feminino. O *Fémina Club do Pôrto* foi o primeiro clube a ser instituído e tinha como objectivo expandir e propagandar a prática desportiva no nosso país. A direcção deste clube era constituída por distintas senhoras da sociedade portuense. Em 1935, o clube contava com 89 atletas, possuía campo próprio e continha secções de ginástica (preparatória e especializada), basquetebol, andebol, voleibol e hóquei em campo.

O *Feminino Atlético Clube do Pôrto* era uma agremiação destinada a proporcionar à mulher a prática desportiva, sendo o hóquei em campo, o basquetebol, a natação, o atletismo e a ginástica as suas principais modalidades. Este clube era exclusivamente composto por elementos do sexo feminino; os homens apenas desempenhavam o cargo de treinadores enquanto não existissem mulheres devidamente qualificadas para o efeito.

O *Ginásio Feminino de Portugal*, criado em 1937 e sediado em Lisboa, contribuiu para o desenvolvimento do desporto feminino em Portugal, pois destinava-se exclusivamente a atletas femininas. Este ginásio reuniu muitos apoiantes que tinham como principal preocupação “aperfeiçoar a raça através do fortalecimento físico da futura mãe” (Pimentel, 1998: 34). Efectivamente, na época, o desporto para as mulheres era visto como uma forma de fortalecimento físico, que as preparava para uma futura maternidade. O Ginásio Feminino de Portugal “pretendia ser um grémio com sede independente, onde a mulher lisboeta possuísse um tríplice moral, intelectual e desportivo” (Pimentel, 1998: 34). Carlos Gomes da Silveira, director da revista *Stadium*, num dos muitos artigos publicados, espelha de forma clara a ideologia inerente à criação do referido ginásio: “de fé, na consagração entre nós do verdadeiro conceito da sã rapariga. Sã de corpo e sã de ideias, não deixando aberrar-se o preciosismo dos princípios. Rapariga desportiva, saudável, franca e alegre”.

Para além dos clubes anteriormente referidos, não podemos deixar de assinalar a importância na promoção e divulgação do desporto das associações ligadas a empresas onde existiam secções destinadas à mulher. Destas merece destaque o Grupo Recreativo e Desportivo da Imprensa Nacional de Lisboa.

A promoção desportiva da mulher foi conseguindo abrir, lentamente, as concepções conservadoras do Estado Novo. Para esta emancipação das mulheres em muito contribuiu a acção perseverante de algumas figuras femininas mais esclarecidas, colectividades e órgãos da comunicação social.

### Os artigos de opinião na *Stadium*

Os artigos de opinião da *Stadium* eram escritos por colaboradores regulares da revista, especialistas em determinadas modalidades e/ou médicos. Os artigos incidiam em modalidades específicas ou abordavam o fenómeno desportivo de uma forma geral, realçando as consequências positivas do desporto na qualidade de vida das mulheres. Ao analisá-los, encontrámos duas perspectivas diferentes sobre a presença feminina no desporto: uma, com argumentos científicos, que valorizava a entrada da mulher no mundo do desporto, porque isto lhe permitiria uma vida mais saudável, um corpo mais esbelto e equilibrado, e, sobretudo, a possibilidade de desempenhar a sua função de mãe com melhores resultados. Outra, com argumentos sociológicos, que valorizava a entrada da mulher no mundo do desporto, porque isso lhe permitiria combater a ociosidade e a vida sedentária, derrubar estereótipos e promovê-la socialmente. Praticar desporto era sinónimo de modernismo. Sob esta perspectiva, denota-se a preocupação de mentalizar a mulher sobre a postura e o papel que deveria manter no desporto.

Em 1932, Maria Luiza Herédia, formada em medicina e figura destacada da sociedade portuguesa, passa a colaborar regularmente na *Stadium* a convite do seu director. Apesar da sua colaboração na revista ter sido por um período curto de tempo, esta senhora é responsável por alguns dos textos mais ricos em conteúdo. Maria Luiza Herédia, juntamente com Angélica Plantier, foi uma das primeiras mulheres a pertencer ao Comité Olímpico Português. Em 1934, elaborou um importante documento com o título “Subsídio para o estudo da organização da educação física e dos desportos no país”, onde constavam importantes sugestões para o desenvolvimento do desporto e do ensino da Educação Física em Portugal. Além da sua formação científica, Maria Luiza Herédia era também amante incondicional de todas as práticas físicas e defendia o aumento da participação das mulheres no mundo do desporto.

Os seus artigos revelam grande sensibilidade ao tema “A mulher e o desporto”, conseguindo conciliar as duas perspectivas que indicámos no ponto anterior. Neles aborda diversas modalidades: hóquei em campo, atletismo, ginástica, ginástica rítmica (dança rítmica), desportos náuticos e natação. Segundo esta médica, enquanto a ginástica era a base de toda a educação física e a sua prática o melhor tónico para o organismo, a natação e os desportos náuticos, em especial o remo, eram os mais saudáveis e higiénicos. Para além de seguir a corrente científica, Maria Luiza Herédia não deixava de fazer alusão à perspectiva sociológica da presença da mulher no desporto, o que pode ser constatado pela seguinte frase: “Além disso

o desporto contribui para a formação da nossa personalidade, desenvolvendo a noção de independência, a educação da nossa vontade, a perseverança ensina-nos a dominar os nossos impulsos, encarando as derrotas com coragem, resignação, acolhendo as vitórias com alegria sã e tranquila o desporto é como um treino fácil e agradável que nos prepara para caminhar pela vida" (*Stadium*, 28/12/1932: 11).

### Conclusões

A análise dos artigos da *Stadium* permitiu constatar que o desenvolvimento desportivo não se processou com verdadeiro equilíbrio. De facto, a prática desportiva dos homens encontrava-se em franca superioridade quanto ao número de praticantes e acontecimentos, pelo que a revista dispensava menor importância ao denominado "desporto feminino". Os comentários sobre a participação das mulheres, nas diversas modalidades, eram geralmente pouco aprofundados e apelavam essencialmente para o lado estético e gracioso das atletas.

Todavia, apesar de todas as dificuldades próprias das concepções culturais e políticas conservadoras, as mulheres começavam a lutar pelo direito à prática desportiva, constituindo colectividades preocupadas com o seu desenvolvimento integral, como pessoas e cidadãs, ou inserindo-se em algumas que estavam dispostas a considerar como relevante a participação da mulher no desporto. Do mesmo modo, alguns jornais e revistas, entre os quais se salientam a *República*, *Os Sports* e sobretudo a *Stadium*, defendem fervorosamente a Educação Física e a actividade desportiva para a mulher, abrindo largos horizontes e traçando bons caminhos na divulgação e generalização da presença da mulher no desporto.

No período em estudo, verificámos que: a) o *Fémina Club do Pôrto*, o *Feminino Atlético Club do Pôrto* e o *Gimnásio Feminino de Portugal* eram colectividades com actividade desportiva exclusivamente vocacionadas para praticantes do sexo feminino; b) as referências encontradas na *Stadium* reportavam-se essencialmente à zona da grande Lisboa e Porto, enquanto no resto do país as informações eram escassas; c) em Lisboa, os clubes com secções femininas eram considerados elitistas e a sua situação geográfica coincidia com as zonas privilegiadas da capital, onde habitavam as classes sociais elevadas; d) na tentativa de caracterizar os elementos femininos que praticavam desporto na década de 1930, podemos afirmar que eram crianças ou jovens solteiras provenientes de meios socioeconómicos médios/altos; e) as mulheres praticavam essencialmente desportos individuais, tais como natação, ténis e ginástica. Entre os desportos colectivos, o basquetebol surge em 1935 como uma modalidade em franca ascensão. A maior participação das mulheres nas modalidades individuais é facilmente compreensível, porque estas permitiam uma maior evidência social e revelavam também a dificuldade, na época, em constituir um grupo de raparigas dispostas a praticar o mesmo desporto.

Tal como tivemos oportunidade de realçar no corpo do trabalho, acreditamos

que a acção "heróica" desenvolvida pelas mulheres e colectividades desportivas dos anos 30 constituiu uma "porta aberta" para a generalização e valorização crescente da prática desportiva da mulher nesta fase de transição para o século XXI.

### Referências bibliográficas

- Comité Olímpico Portuguez (1934), *Portugal: Subsídio para o Estudo da Organização da Educação Física e dos Desportos no País*, Lisboa, Edição do Comité Olímpico Portuguez.
- Crespo, J. (1977), "História da educação física em Portugal: os antecedentes da criação do INEF", *Ludens*, 2 (1), 45-52.
- Crespo, J. (1976 a), "A formação dos professores de educação física: alguns dados históricos", *Ludens*, 1 (1).
- Esteves, J. (1970), *O Desporto e as Estruturas Sociais*, Lisboa, Prelo Editora.
- Feio, N., e Sérgio, M. (s. d.), *Homoludicus/Antologia de textos desportivos da cultura portuguesa*, Lisboa, Compendium.
- Hasse, M. (1992), "A mulher, o desporto e a sociedade em Portugal", *Horizonte* 46, 123-128.
- Lopes, P. (1986), "A Mulher e o desporto", *Horizonte*, II (11), 157-160.
- Pimentel, I. (1998), "O Estado Novo e o desporto", *Revista História Nova*, série, 2, 30-39.
- Rosas, F., e Brito, J. M. (1996), *Dicionário de História do Estado Novo*, vol. II, Lisboa, Círculo de Leitores, 607-611.
- Simões, F., M. Viegas e M. Elias (1980), *A Mulher e o Desporto*, Lisboa, Direcção Geral dos Desportos, 13-44.
- Stadium. Revista Portuguesa de Todos os Sports*, Lisboa, de 17 de Fevereiro de 1932 a 26 de Dezembro de 1951.

Helena Marques é Licenciada em Ciências do Desporto e Educação Física pela Universidade de Coimbra e é docente na Escola Secundária Francisco Rodrigues Lobo de Leiria. Frequenta o Mestrado de Desporto para Crianças e Jovens na Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Natividade Pereira é Licenciada em Ciências do Desporto e Educação Física pela Universidade de Coimbra.